

NEWS LETTER



JUNHO

- Comunidade do São Raimundo instala painéis solares com a renda gerada pelo manejo do pirarucu
- Encontro intermunicipal de monitores de praia de desova de quelônios integra diferentes realidades do rio Juruá
- Membros do Instituto Juruá participam do curso de formação de manejo do pirarucu, em Tefé, no Amazonas





Comunidade do São Raimundo instala painéis solares com a renda gerada pelo manejo do pirarucu

A chegada da usina solar gerará energia limpa 24 horas por dia, substituindo geradores movidos a combustível.

texto **Karina Pinheiro** e **Clara Machado**

Foto: Painéis solares instalados na comunidade São Raimundo

Maria Cunha

Moradores da comunidade do São Raimundo, na Reserva Extrativista do Médio Juruá, localizada no município de Carauari (AM) instalaram painéis solares através da renda gerada pelo manejo do pirarucu realizado pela comunidade.

A AMECSARA (Associação de Moradores da Comunidade São Raimundo) e a própria comunidade São Raimundo foram responsáveis pelo planejamento e instalação da Usina Solar, em parceria com a prefeitura de Carauari, ASPROC (Associação dos Produtores Rurais de Carauari), ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), Portal Brasil e Concretize Engenharia.

A chegada da usina solar foi muito aguardada pelos moradores, que contam agora com energia 24 horas, realidade que antes não era possível, já que contavam apenas com três horas de energia elétrica durante o dia geradas a partir de um gerador a base de combustível, que precisava ser comprado pelos comunitários.

De acordo com o responsável técnico da instalação Manoel Cunha Filho, a partir da implantação dos painéis solares, serão gerados 43,35 kW/h. O sistema também conta com a autonomia de bateria que conta com a energia armazenada de 55,3 kW/h. “A comunidade hoje possui um consumo de 104 kW/h. Vale ressaltar, que estamos alimentando (o fornecimento) através de uma energia limpa, sustentável para 42 casas” afirma Manoel.

José Maik é morador da comunidade que se tornou um grande exemplo para toda a Amazônia e afirma que “com esse sistema garantimos que as pessoas tenham acesso a energia solar e consigam viver com mais qualidade de vida e acesso a oportunidades, não ter que tirar todos os meses da sua economia uma quantia considerável para comprar combustível e ser iluminado apenas três horas por dia como era no São Raimundo. Hoje temos energia vinte e quatro horas”.



Foto: Conversores dos painéis solares instalados na comunidade São Raimundo

Maria Cunha

“com esse sistema garantimos que as pessoas tenham acesso a energia solar e consigam viver com mais qualidade de vida (...) Hoje temos energia vinte e quatro horas”.

Além dos benefícios econômicos, José Maik enfatiza a importância da transição à energia solar para o enfrentamento da crise climática, cujos efeitos são sentidos no interior. “A Usina Solar configura para nós, uma das principais estratégias sustentáveis para economizar energia elétrica e diminuir parte dos impactos ao meio ambiente, onde a comunidade deixa de comprar e queimar combustíveis fósseis que poluem o meio ambiente e contribui muito para com o aquecimento global e mudanças do clima”, complementa Maik.

A demanda da usina solar foi apresentada pela comunidade São Raimundo para o ICMBio e AMECSARA após avaliarem internamente que o valor anual investido na compra de combustíveis para os geradores de energia poderia ser arrecadado no manejo do pirarucu e direcionado para uma usina solar. A comunidade se planejou a partir do manejo do ano passado.

“O manejo do pirarucu pode fornecer para as comunidades muito mais do que a manutenção dos peixes nos lagos e a segurança alimentar. O manejo pode proporcionar isso que proporcionou para a comunidade São

Raimundo: uma energia limpa e 24 horas. Isso é mérito de uma comunidade organizada e, principalmente, é mérito da cadeia do pirarucu”, afirma Raimundo Nonato, presidente da AMECSARA.

O fornecimento de energia limpa e econômica a partir da renda gerada por uma atividade de conservação é um grande exemplo para que outras comunidades iniciem o manejo sustentável do pirarucu.

“Era um sonho que a gente tinha e parecia distante, mas graças a cadeia do pirarucu, esse sonho é realidade e é exemplo para que outras comunidades consigam, da mesma forma que São Raimundo conseguiu, uma estrutura dessas. É isso que a gente quer, que as comunidades sigam esse exemplo”, finaliza Raimundo.

A comunidade agora está na busca de parceiros para finalizar o pagamento dos custos gerados na instalação da usina, que acabaram ultrapassando o valor esperado para a instalação dos painéis e equipamentos.





Encontro intermunicipal de monitores de praia de desova de quelônios integra diferentes realidades do rio Juruá

Pela primeira vez, monitores de tabuleiros de três municípios do rio Juruá se reúnem para trocar experiências e avançam em protocolos de conservação.

texto **Karina Pinheiro** e **Clara Machado**

Nos dias 1 e 2 de junho aconteceu a Oficina Intermunicipal de Monitores de Praia de Conservação de Quelônios da Calha do Rio Juruá, na base do Campina, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari.

Organizado pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente (SEMA) e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), com apoio do projeto Pé-de-pincha, o objetivo da oficina foi incentivar a conservação das áreas de preservação das praias de desova de quelônios, os chamados “tabuleiros”. No Médio Juruá, são 19 tabuleiros protegidos dentro das Unidades de Conservação.

O encontro de monitores é um evento anual, para compartilhar os dados das atividades de conservação das praias e traçar estratégias em conjunto. Porém, neste ano, pela primeira vez, o encontro foi integrado entre os municípios de Itamarati, Juruá e Carauari.

A reunião dos monitores dos três municípios proporcionou uma troca de experiências inédita, onde os representantes de cada tabuleiro relataram as principais conquistas, desafios e necessidades, integrando as diferentes realidades ao longo do rio.

Foto: Faixa de entrada da Oficina na entrada.
Eduardo Mühlen

O evento também contou com apresentações dos parceiros institucionais como a SEMA, o ICMBio, IBAMA, Projeto Pé-de-pincha, Associação de Moradores da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari (AMARU) e Instituto Juruá.

“A nossa principal contribuição enquanto Instituição vai no sentido de melhorar as condições de trabalho e dignificar o papel do monitor de praia”, diz o coordenador de Práticas em Conservação do Instituto Juruá, Eduardo Von Mühlen.

Durante a oficina, Eduardo Mühlen apresentou a proposta de uma campanha global de

arrecadação coletiva para angariar fundos a serem investidos no trabalho de conservação de praias de desova de quelônios. O valor arrecadado na futura campanha será direcionado a investimentos em infra-estrutura das praias para abrigar os monitores e na remuneração digna para este trabalho, garantindo a segurança dos monitores e de suas famílias durante os meses que as praias precisam de proteção.

“A ideia é trabalhar com a campanha coletiva com os outros parceiros para que no futuro esse trabalho possa ser remunerado e que as pessoas possam ter melhores condições de trabalho e um salário digno”, acrescenta Eduardo.



Participantes durante a apresentação dos projetos das instituições.

Foto: Eduardo Mühlen

A perspectiva é de que o encontro intermunicipal ocorra regularmente. “Foi muito bacana ver todo mundo integrado e ver todo esse esforço de proteção em escala de bacia, e conseguimos estabelecer um protocolo de coleta de dados que unifique essas diferentes realidades nesses três municípios”, finaliza Eduardo.

O evento contou com o apoio e participação da Associação de Moradores da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari (AMARU), a Associação de Moradores da Comunidade São Raimundo (AMECSARA), a Associação dos Produtores Rurais de Carauari (ASPROC) e as Prefeituras de Carauari, Itamarati e Juruá.



Membros do Instituto Juruá participam do curso de formação de manejo do pirarucu, em Tefé, no Amazonas

Curso oferecido pelo Instituto Mamirauá forma multiplicadores do manejo do pirarucu, que aprendem com a vasta experiência e a adaptam à realidade dos seus territórios.

texto **Karina Pinheiro**

Foto: Participantes do curso durante na visita ao manejo do pirarucu, em Tefé.

Brenda de Meireles e Daniel Olentino / Divulgação

Parte da equipe do Instituto Juruá participou do curso “Gestão Compartilhada de Recursos Pesqueiros com o Manejo Participativo de Pirarucu (Arapaima gigas) em ambientes de várzea” promovido pelo Programa de Manejo de Pesca, do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), com apoio do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI).

A capacitação ocorreu entre os dias 18 a 28 de abril de 2023, na sede do município de Tefé e na comunidade Boca do Jurupari, no entorno da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, Amazonas. Participaram 17 alunos de diferentes instituições da região Norte. Da equipe do Instituto Juruá estiveram presentes a pesquisadora Camila Duarte, o Técnico em Produção Sustentável, Edimar Costa, e a Analista de Recursos Pesqueiros, Simélvia Vida.

“Eu sou engenheira de pesca, eu tinha uma dimensão de como funcionava as etapas e o processo do manejo, mas, é muito difícil o profissional conseguir acompanhar todas as etapas, desde o planejamento até a comercialização. Então, pegar essa experiência do IDSM foi importante para mim nesse sentido.” afirmou a Analista de Recursos Pesqueiros, Silmévia.

Durante os onze dias de imersão, os participantes trocaram experiências de manejo, tiveram aulas sobre as pesquisas que subsidiaram o manejo do pirarucu, voltadas para a biologia e ecologia da espécie, o modo de vida das populações ribeirinhas e foram apresentados ao método de contagem de pirarucus, com atividade prática junto aos contadores das comunidades da região.

Estreando na vivência do manejo, a pesquisadora Camila Duarte teve uma experiência mui-

to produtiva durante as etapas do curso. “É um curso muito legal. A ideia era contar a história do manejo do pirarucu, compartilhar os desafios e mostrar como é a estrutura deles. Os primeiros dias foram de apresentação, teve uma parte de palestras sobre a questão de mulheres na pesca, a questão de gênero, a integração que foi super interessante e depois fomos para os temas de pescaria, que era a cada dia um tema diferente.”



Camila Duarte, Simelvia Vida e Edimar Costa em apresentação sobre o Instituto Juruá durante o curso em Tefé.

Foto: Acervo Instituto Juruá.

A parte prática do curso foi realizada em uma comunidade onde, além da contagem de lagos e demonstrações da pesca do pirarucu, também foram tratadas especificidades de regras sanitárias “a parte sanitária também foi muito importante, já que as regras que surgiram eram criadas para a cidade e não para uma área de várzea, então, foi explicado como foi a história de adaptação das regras sanitárias voltada para essas áreas (de várzea).” complementa a pesquisadora.

A partir da experiência vivida no curso, os membros da equipe do Instituto Juruá retornam ao Médio Juruá com novas ideias, diferentes formas de pensar e estruturar o manejo do pirarucu para serem debatidas e adaptadas junto aos moradores e associações do território.

iNDICA

Clique nos Títulos para ver
mais detalhes!



Dossiê [Terra rasgada: como avança o garimpo na Amazônia brasileira](#). Lançado pela Aliança em Defesa dos Territórios, articulação política dos povos Yanomami, Munduruku e Kayapó, explica os mecanismos que promovem o avanço do garimpo e inspirou o filme recém-lançado “[Escute: a terra foi rasgada](#)”.



[BR-319](#), episódio da sétima temporada do programa Greg News, com Gregório Duvivier.



[Caneca de Mamicas 109 - Vozes da resistência](#), episódio do podcast Nerdcast que elucida o PL490 e o Marco Temporal.





—INSTITUTO—

JURUÁ

POVOS, RIOS E FLORESTAS

Diagramação **Mário de Salles**

Equipe de comunicação do Instituto Juruá

Clara Machado, Andressa Scabin, Nathalia Messina, Maria Cunha e Karina Pinheiro